

ADAPTAÇÃO DE ALTEA VILLA
ILUSTRAÇÕES DE LIA VISIRIN



nuvem
de letras

ÍNDICE

I	O CÃO DOS BASKERVILLES	6
	<i>Arthur Conan Doyle</i>	
II	O SINAL DOS QUATRO	18
	<i>Arthur Conan Doyle</i>	
III	A CRUZ AZUL	
	<i>G. K. Chesterton</i>	28
IV	O CASO BENSON	
	<i>S. S. Van Dine</i>	38
V	A CASA SEM CHAVES	
	<i>Earl Derr Biggers</i>	48





VI	OS CRIMES DA RUA MORGUE	58
	<i>Edgar Allan Poe</i>	
VII	A PEDRA DA LUA	66
	<i>Wilkie Collins</i>	
VIII	A PÉROLA NEGRA	74
	<i>Maurice Leblanc</i>	
IX	A PANTUFA DOURADA	82
	<i>Anna Katharine Green</i>	
X	PERSEGUIDO	90
	<i>Charles Dickens</i>	







I

O CÃO DOS BASKERVILLES

Arthur Conan Doyle

O que acontece quando uma lenda antiga parece ganhar vida? É o que vamos descobrir quando o célebre detetive Sherlock Holmes, acompanhado do seu inseparável ajudante John Watson, entra em cena para desmascarar aqueles que cometem graves crimes e espalham terror entre as suas vítimas. Disfarces, vigilâncias, perseguições ou a análise do mais minúsculo detalhe: este é o estilo do lendário Holmes, um nome conhecido em toda a Inglaterra... e não só! Conseguirá ele salvar o seu cliente do terrível destino que lhe reserva uma criatura saída do próprio inferno? Só te resta reunir toda a tua coragem e ler a emocionante história da maldição dos Baskervilles.



Um novo cliente, o Dr. Mortimer, entrou no gabinete do famoso Sherlock Holmes, que o aguardava com o seu assistente Watson.

– Vejo que traz consigo um documento antigo – observou o investigador.

– Assim é, Sr. Holmes. Trata-se de um relato de 1742, proveniente do Castelo de Baskerville. Refere uma terrível maldição que perseguia a família: um mastim demoníaco, negro como a noite e com olhos que brilhavam, incandescentes.

– E por que motivo nos conta esta lenda? – perguntou o dono da casa.

– Porque há alguns dias perdi um querido amigo, Charles Baskerville. Há algum tempo que estava obcecado com esta história. Como sofria do coração e vivia com os nervos sempre à flor da pele, aconselhei-o a deixar o campo, mas não o fez a tempo. Encontraram-no morto,

na sua propriedade, com uma expressão de terror no rosto. Eu próprio o vi. E, à sua volta, encontrei pegadas.

– De homem ou de mulher? – perguntou Watson.

– De cão, de um cão enorme! – respondeu o cliente. – E recolhi testemunhos: alguns habitantes da região viram essa terrível criatura. O motivo pelo qual estou aqui, meus senhores, é que em breve irei à estação receber Sir Henry Baskerville, herdeiro de Charles. Como hei de avisá-lo do perigo que corre de se cruzar com aquele mastim infernal?

– Aconselho-o a ir receber o seu hóspede. Amanhã de manhã, depois do pequeno-almoço, venham os dois aqui e conversaremos.

No dia seguinte, o Dr. Mortimer e Sir Baskerville dirigiram-se para a casa do detetive para falarem do perigo que Sir Baskerville corria.



Quando Baskerville e Mortimer saíram, Holmes levantou-se e declarou:

– Vamos, Watson, sigamo-los!

Desceram à rua, vigiando-os discretamente. Instantes depois, repararam numa carruagem que avançava lentamente, na qual seguia um homem de farta barba preta que observava atentamente Baskerville. Lançaram-se atrás da carruagem, mas estavam a pé, sendo incapazes de a alcançar e vendo-a escapar-se-lhes por entre as vielas da cidade.

Mais tarde, voltaram a reunir-se com os dois clientes e perguntaram a Mortimer se conhecia alguém com uma densa barba preta.

– Deixe-me ver... – respondeu. – Bem, na verdade, sim: o mordomo de Sir Charles, Barrymore!

Ficou então decidido que Watson acompanharia Henry Baskerville até à sua nova residência e que nunca o deixaria sozinho.

No dia seguinte, Watson partiu com Mortimer e Baskerville e, juntos, chegaram à mansão. Durante a viagem, repararam que vários soldados a cavalo patrulhavam a zona.

– O que aconteceu? – perguntaram.

– Um perigoso assassino fugiu da prisão e os soldados patrulham dia e noite para o capturar.

Chegados à mansão, foram recebidos pelo mordomo e pela esposa. Na manhã seguinte, Watson visitou a aldeia vizinha e foi interpelado por uma jovem, que lhe disse:

– Sr. Baskerville, deve partir imediatamente, se preza a sua vida! Ouça o que lhe digo, é uma questão de vida ou de morte!

– Menina, eu sou o Dr. Watson – respondeu. – Mas, diga-me, por que motivo quer avisar Baskerville?

Corando, a jovem apressou-se a dizer:

– Não posso responder-lhe, finja que não lhe disse nada. – E afastou-se.

Pouco tempo depois, Watson descobriu de quem se tratava: era a Menina Stapleton, uma jovem que vivia com o irmão solteiro numa casa contígua à mansão dos Baskervilles.

Na mansão, o ajudante de Sherlock Holmes vigiava de perto o comportamento do mordomo, sempre muito estranho. Certa noite, despertado por um ruído no corredor, Watson surpreendeu Barrymore, de candeia na mão, a fazer sinais diante da janela.

Na noite seguinte, ficou de atalaia com Sir Henry, e os dois surpreenderam o mordomo a repetir os mesmos gestos. O dono da casa ameaçava despedi-lo quando, no mesmo instante, a esposa do mordomo entrou.

– Não se zangue com ele, a culpa é toda minha! O criminoso que fugiu da prisão é meu irmão. Escondeu-se nas terras aqui à volta e fazemos estes sinais para nos comunicarmos com ele e avisá-lo de que lhe vamos levar comida.

Sir Henry mandou os criados de volta para a cama, mas disse a Watson:

– Agora vamos ao bosque apanhar esse criminoso.

Watson e Baskerville saíram e, de repente, ouviram um uivo assustador ecoar entre as árvores.



– Parece... – disse Watson. – Parece um cão a uivar!

Sir Henry estremeceu ao pensar na lenda que o ameaçava.

Continuaram a andar até descobrirem o criminoso, que imediatamente fugiu a coberto da escuridão da noite. Nenhum dos dois conseguiu apanhá-lo, mas Watson ainda teve tempo de vislumbrar uma figura sinistra sobre uma rocha, um homem alto e magro.

No dia seguinte, o mordomo assegurou-lhes que o fugitivo partiria em breve, mas acrescentou que não era o único a viver escondido no bosque. Também um homem alto e magro vagueava pela floresta e parecia viver na encosta de uma colina.

Depois mencionou um pormenor importante:

– Esqueci-me de vos dizer que, no dia em que Sir Charles morreu, o motivo pelo qual tinha saído à noite não foi para dar um simples passeio, mas para um encontro! Descobrimos uma parte de uma carta queimada

na lareira, na qual uma mulher, com as iniciais L. L., indicava o local do encontro, o mesmo onde o corpo de Sir Charles viria depois a ser encontrado.

Com a ajuda do Dr. Mortimer, que conhecia todos os habitantes da região, Watson conseguiu descobrir a identidade da mulher misteriosa: Laura Lyons.

Dirigiu-se imediatamente para casa dela para a interrogar, tendo ela admitido que havia combinado o encontro com Sir Charles, mas que não chegaram a encontrar-se. Watson saiu desapontado da casa da mulher e, ao caminhar, avistou a encosta da colina onde se pensava que o homem misterioso estava escondido. Ganhando coragem, começou a procurá-lo nessa área. Numa cabana velha encontrou latas de conserva e um bilhete



escrito a lápis: «Watson saiu de casa». Mas então havia alguém a espiá-lo! Nesse preciso momento, um homem aproximou-se da porta da cabana: um indivíduo alto e magro... era Sherlock Holmes!

– Muito bem, meu caro Watson, descobriste o meu esconderijo! – disse ele.

– Mas estiveste aqui todo este tempo? – perguntou o outro.

– Perdoa-me, Watson, por este segredo, mas para poder mover-me livremente tinha de permanecer na sombra. Hoje estiveste na casa da Sra. Lyons, não foi? Temos de lá voltar juntos, tenho a certeza de que não te contou tudo!

Enquanto falavam, ouviram gritos desesperados vindos da floresta. A noite já tinha caído e começaram a correr até encontrarem um corpo sem vida. Era Sir Henry!

– Holmes, a culpa é minha! Não devia ter tirado os olhos dele! – lamentou-se Watson.

Mas, nesse instante, o céu abriu-se e o luar iluminou o corpo.

– Olha bem, Watson, não é ele! É o fugitivo, com as roupas de Sir Henry. O mordomo deve ter-lhas dado! É por isso que o mastim o perseguiu, deve tê-lo farejado, pois certamente alguém o pôs no seu rasto!

Nesse instante, juntou-se a eles o irmão da Menina Stapleton.

– O que aconteceu? É o Sr. Baskerville? – perguntou.

– Não, é o criminoso procurado em toda a região – respondeu Watson.

Ao ouvir aquelas palavras, o recém-chegado despediu-se deles com um aceno, parecendo irritado. Sherlock e o seu assistente regressaram à mansão

e pararam diante da lareira para analisar tudo o que tinha acontecido. Enquanto falava, Holmes observava os quadros por cima da lareira, todos eles de antepassados de Sir Henry.

– Watson, observa bem aquele quadro: se tirasses o cabelo, com quem se parece aquele homem?

– Diabos me levem! – exclamou Watson. – Com Stapleton, o irmão da Menina Stapleton!

A expressão de Sherlock Holmes era a que ostentava sempre que conseguia ligar todas as peças de um caso especialmente complicado. No dia seguinte, disse a Sir Henry que ele e Watson partiriam imediatamente



para Londres. Em vez disso, dirigiu-se para a casa da Sra. Lyons e voltou a interrogá-la até ela acabar por confessar que o próprio Stapleton a convencera a enviar o dito bilhete a Sir Charles, marcando um encontro com ele ao cair da noite, ao qual ela nunca chegara a comparecer. Tudo ficou claro para o detetive!

Nessa noite, ele e Watson esconderam-se junto à casa de Stapleton, onde Sir Henry tinha sido convidado para jantar. Esperaram que o nobre saísse para regressar a casa, atravessando a charneca, e puseram-se a segui-lo. De repente, um cão enorme surgiu do nada a rosnar e lançou-se sobre Sir Henry. Holmes e Watson salvaram-no por um triz, conseguindo imobilizar o animal. Sem demora, correram até à casa de Stapleton, mas encontraram apenas a irmã, trancada num quarto. A jovem confessou ser, na verdade, a esposa de Stapleton. Contou que o marido tinha fugido para o pântano, deixando-a para trás, depois de ela ter tentado avisar Sir Henry do perigo. O detetive saiu a correr, mas não conseguiu encontrá-lo. De regresso a Londres, Holmes expôs a Watson os factos tal como tinha conseguido reconstruí-los: Stapleton era, na verdade, um Baskerville. Tinha-se aproveitado da lenda do mastim, comprando um cão enorme que mantinha escondido no pântano, com o único objetivo de aterrorizar Sir Charles até provocar a sua morte e herdar toda a sua fortuna. Contudo, desconhecia a existência do outro herdeiro, Henry Baskerville, que também tentou eliminar usando o mesmo método. Durante a sua fuga noturna pelo pântano, o assassino acabou por se perder. Mais um caso brilhantemente desvendado por Sherlock Holmes!







SERÁS ASTUTO O SUFICIENTE PARA DESVENDARES ESTES MISTÉRIOS?

Contos Policiais reúne e adapta algumas das histórias de *suspense* mais intrigantes da literatura mundial, escritas por autores como Arthur Conan Doyle, Edgar Allan Poe ou Charles Dickens.

Prepara-te para te cruzares com todo o tipo de *detetives*: desde os mais famosos, como Sherlock Holmes, a outros mais inesperados, como o Padre Brown ou o jovem Philo Vance, o ladrão-detetive Arsène Lupin ou a divertida Violet Strange.

Não percas nenhum pormenor, para capturares estes criminosos implacáveis!

LÊ TAMBÉM



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil
www.penguinlivros.pt

ISBN: 978-989-596-049-1



9 789895 960491